

MONUMENTA ALBERTIANA

A BIBLIOTECA AFRICANISTA DE ALBERTO DA COSTA E SILVA¹

Claudio Costa Pinheiro²  

Universidade Federal do Rio de Janeiro

“Ahh, você é do país do Professor Alberto da Costa e Silva! Seja bem-vindo!” |

Um Brasileiro em África

Escutei essa frase em 2000, quando estava em Dakar. Era a primeira vez que eu saía do Brasil e, em meu destino, a África. Cheguei ao Senegal, graças a uma bolsa de estudos, para integrar uma escola de verão sobre história social comparada, reunindo jovens pesquisadores do Sul Global que realizavam seus doutorados. Foi uma incrível experiência e, desde logo, aprendi que a África nos escolhe.

Meu diário registra: “Dakar, 09 de outubro, visitamos o famoso IFAN (Institut Fondamental d’Afrique Noire), onde fomos recebidos

1 Agradeço a Antônio Pedro da Costa Silva e Lima e sua mãe, Elza da Costa Silva e Lima, pela receptividade e pela mediação que me facultaram acesso aos livros de seu avô e pai Alberto da Costa e Silva, na biblioteca Rodolfo Dantas da Academia Brasileira de Letras. Na ABL, Júlio Mendonça, Renato Ramos e Maria Oliveira, bibliotecários e arquivista zelosos, se desdobraram em gentilezas e suporte para fornecer-me informações para este ensaio. Ainda na ABL, tive a grata satisfação de reencontrar meu antigo professor Arno Wehling, amigo antigo de Alberto da Costa e Silva, e com Lília Schwarcz, herdeira da cadeira de Alberto. Com ela tramamos o projeto compartilhado sobre o acervo de Alberto da Costa e Silva e o Centro de África da Academia Brasileira de Letras, sobre o que ouço entusiasmados “vivas” de João Reis, *mein lieber freund* soteropolitano-berlinês. A João Reis e Mariza Soares o agradecimento pelo convite para integrar este dossiê. João Reis, Jheniffer Ribeiro e Felipe Charbel leram este texto e fizeram observações valiosas. As fotos que o acompanham são de minha autoria, salvo aquela da biblioteca de Alberto da Costa e Silva ainda em seu apartamento, gentilmente cedida por Júlio Mendonça.

2 Professor de História da África, Universidade Federal do Rio de Janeiro; diretor da Fundação Sephis, Holanda; e professor visitante da Cátedra de Estudos Críticos de Educação Superior na África, Universidade Nelson Mandela, África do Sul.

pela equipe de arquivistas, bibliotecários e pesquisadores”. Conhecer o IFAN era um sonho antigo. Esse é um dos maiores arquivos e centros de produção de conhecimento da África, por onde passaram inúmeras e inúmeros intelectuais de peso, incluindo o baiano Paulo Fernandes de Moraes Farias, ali recebido em 1965, vindo de Acra, onde acabava de concluir seu mestrado no recém-inaugurado Instituto de Estudos Africanos da Universidade de Gana. Nosso grupo era composto de quinze jovens pesquisadoras e pesquisadores da América Latina, Ásia e África, e essa diversidade suscitava pedidos de que nos apresentássemos. Ao mencionar que eu vinha do Brasil – eu e o amigo Paulo Fontes – ouvi a inesperada pergunta: “Brasil?! Você conhece Alberto da Costa e Silva?”. O homem foi tão assertivo que soou como se perguntasse de meu tio.

Em geral, na padaria, nos mercados de rua, ou na hospedaria onde morei, mencionar que eu vinha do Brasil abria sorrisos e inaugurava longas conversas. Falavam sobre as “coisas em comum” que tínhamos com o Senegal e com a África, perguntavam sobre a comida e o clima, mais que nada assuntavam sobre o futebol. Esse era o tempo de Ronaldo (o Nazário), por quem a gente jovem se empolgava; entre o pessoal grisalho, Pelé era o Brasil. Ainda conheci quem tivesse assistido a vitória do Santos sobre a Seleção do Senegal por 3x1, com dois gols do *le roi du football*, em maio de 1967. Mesmo num mundo no qual “histórias conectadas” nos aproximavam, escutar o nome de Alberto da Costa e Silva era uma surpresa notável. Eu ainda seria perguntado por ele noutras ocasiões, numa delas em almoço na casa do historiador Boubacar Barry, professor de História Moderna e Contemporânea da Universidade Cheik Anta Diop, especialista na Senegâmbia, curador da Bienal de Arte Africana, e que conhecia bem o trabalho do historiador-embaixador.

Aquele ano de 2000 também foi muito marcante para Alberto da Costa e Silva. Em 17 novembro, ele tomaria posse na Academia Brasileira de Letras (ABL) como imortal. Àquela altura, já havia publicado *A enxada e a lança* (1992, no Rio de Janeiro), *As relações entre o Brasil e a África Negra, de 1822 à 1ª Guerra Mundial* (1996, em Luanda) e *O vício da*

África e outros vícios (1989, em Lisboa), além de vários ensaios, poesia, memória e antologias sobre temas diversos. Além disso, já havia recebido o título de doutor *Honoris Causa* pela Universidade de Ifé (hoje, Universidade Obafemi Awolowo), na Nigéria, em 1986. Ficou-me a anedota, já que sua posse na ABL aconteceu enquanto eu estava em Dakar e aprendia umas poucas palavras em uolofe.

Passados dois anos, o professor Boubacar Barry escreveu avisando que viria ao Brasil para um *tour* de conferências. Em preparação a essa viagem, ele solicitava a mim e ao amigo Alain Kaly (antropólogo senegalês que realizava seu doutorado no Rio de Janeiro) que reservássemos um dia para acompanhá-lo em visita à ABL, onde haveria um encontro com o seu então presidente, Alberto da Costa e Silva. Eu já havia pesquisado na biblioteca da ABL durante meu doutorado, e agora finalmente teria a chance de conhecer o famoso diplomata-historiador. Em boa hora eu havia lido *A enxada e a lança* e já ouvia o burburinho sobre o lançamento de *A manilha e o libambo*, que seria publicado naquele mesmo 2002.

Alberto da Costa e Silva nos recebeu no gabinete da presidência para uma conversa em francês corrente, animada por café e biscoitinhos. “Há chá também! Querem?” Logo seguimos em um giro pelas dependências da ABL e pelo prédio anexo, com uma explicação pormenorizada do acervo, das políticas de preservação de coleções, dos documentos privados e fotografias dos imortais. Pelos corredores, um presidente orgulhoso mostrava tudo e apresentava todas e todos, devotando tempo para pequenas conversas com cada funcionário. Ao final da tarde memorável, o orgulhoso dono de casa fez questão de acompanhar-nos até o ponto de taxi, onde o motorista o saudou como velho amigo. Despediu-se do professor Barry, que logo tomou assento no carro e, olhando para os dois jovens aprendizes, disparou: “Garanto que vocês pensavam que só vínhamos aqui para o chazinho das quintas-feiras, não é?!” Numa gargalhada em uníssono, concordamos. Deu-nos tapinhas nas costas, tomamos o taxi e partimos.

Passariam exatos dez anos até que eu pudesse retribuir aquela gentileza, recebendo o embaixador para uma aula magna – “Fontes para a História da África em língua portuguesa” – proferida na inauguração de meu

primeiro curso de História da África. O evento, co-organizado por Antônio Pedro, seu neto e meu aluno, teve sala cheia de estudantes e professores. A palestra foi o sucesso que eu sabia que seria. Outra tarde memorável. Eu ainda o encontraria outras vezes, assistiria algumas de suas palestras e entrevistas, e continuaria lendo suas publicações. Mais do que isso, eu continuaria recomendando seus conselhos a diversos colegas, amigos e amigas, que afluíam para o oásis africano do bairro das Laranjeiras, no Rio de Janeiro. Quem visitou sua casa, de intelectuais internacionais conhecidos a estudantes de graduação, foi bem recebido/a e terminou irremediavelmente enfeitado/a por sua generosidade, erudição e carisma.

Em 26 de novembro de 2023, as mídias repercutiram a triste notícia da morte de Alberto da Costa e Silva. Outra vez, a África entre nós. Eu estava em Gana realizando pesquisas e meu ímpeto imediato foi escrever ao Antônio Pedro expressando pêsames pela perda do avô e desejando conforto à família.

Lembrar dessas histórias faz refletir sobre o legado de Alberto da Costa e Silva para o Brasil e para as relações com a África. Alguém haverá de fazer uma boa recensão sobre o impacto de seu trabalho de historiador, diplomata e “antropólogo frustrado”, como ele se dizia, para a criação e consolidação de um campo de estudos sobre África no Brasil e no mundo. De minha parte, me pergunto sobre a cultura material e emocional desse legado: os documentos pessoais, fotografias, livros e toda uma memorabilia de objetos comuns e artefatos de arte africanos que o embaixador colecionou ao longo de décadas. Uma verdadeira *Monumenta Albertiana*.

Uma biblioteca africana

“Nasci numa biblioteca. Sou como Baudelaire, meu berço ficava na biblioteca. Sou um homem de letras, um poeta, cresci entre livros”.³

3 Alberto V. da Costa e Silva, “Entrevista”, *Revista de História da Biblioteca Nacional*, n. (2005), p. 52.

Figura 1: Biblioteca de Alberto da Costa e Silva em seu apartamento



Fonte: Júlio Mendonça, bibliotecário-chefe da Academia Brasileira de Letras, que gentilmente cedeu a foto para a presente publicação

Com frequência, Alberto da Costa e Silva contava essa história de ter nascido numa biblioteca. Galhofa que ele usava só para se desmentir em seguida, revelando que a anedota servia para enfatizar que, de “certa maneira, o mundo sempre me chegou pelos livros”. Em sua própria biblioteca, entretanto, ali sim, o diplomata-historiador dormia e acordava. O amplo apartamento já não era suficiente para caber toda aquela “livrarada”. Estantes altas em fileiras duplas, quando não triplas, enchiam paredes de quartos, salas e corredores. Nem o banheiro escapou: havia livros até dentro de uma banheira. Sendo tão contundente, chama atenção que sua biblioteca acumule muito pouco de gerações anteriores de sua própria família, especialmente considerando que seu avô materno “tinha uma enorme biblioteca jurídica e filosófica” e o “*hobby* de estudar

Direito”,⁴ e que seu pai tenha sido um poeta reconhecido, membro da academia de letras do Piauí, e de pretensões diplomáticas – repetidamente ceifadas pelo barão do Rio Branco em pessoa.⁵ Há, na coleção do embaixador, apenas duas edições da obra prima de seu pai, *Sangue*, além de um ou dois volumes herdados e com dedicatórias de sua mãe. Em grande medida, a biblioteca de Alberto da Costa e Silva é autoral e coletivamente produzida. Foi construída por ele mesmo, através de seus amigos, em suas viagens, e motivado por curiosidades e interlocuções. Soa estranho, mas tudo indica que essa foi uma característica de várias bibliotecas de africanistas dessa geração em diferentes partes do mundo, incluindo gente da envergadura de George Balandier, Vivaldo da Costa Lima, José Maria Pereira Nunes, Norbert Elias e Luís Beltrán.⁶

Essa coleção de livros nos conta muito sobre a vida de seu proprietário. Quem frequentou a biblioteca na casa de Alberto da Costa e Silva lembrará de um lugar de conversas, histórias e afetos – lanchinhos, cafés, biscoitos e do Jerez que antecipava o almoço. O oásis africano nas Laranjeiras acolheu muita gente consulente e conversante, em encontros vespertinos e naqueles papos que varavam a noite, cambiando de temas, até que terminavam abruptamente quando os gatos resolviam que era hora. Seus livros foram, antes de mais ainda, apreciados enquanto amigos a quem ele dedicava tempo conhecendo e conversando longamente.

Difícil definir categoricamente a amplitude da biblioteca do embaixador quando de sua morte em 2023. Com seu falecimento, os volumes de literatura inglesa, francesa e alemã foram encaminhados a livreiros. Outros tantos, por razões afetivas, distribuíram-se entre a família. A coleção de literatura brasileira, títulos de humanidades, e sua famosa biblioteca africana, seguiram para a ABL, graças à generosidade de sua família, que definiu que uma das mais importantes bibliotecas no país merecia acesso

4 Costa e Silva, “Entrevista”, p. 52.

5 Guilherme Luiz Leite Ribeiro, *Os bastidores da diplomacia*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

6 Claudio Pinheiro, “Formação e circulação de africanistas no século XX”, texto inédito, 2025.

público. A partir de maio de 2024, fiz várias visitas aos livros do embaixador em sua nova morada, a Biblioteca Rodolfo Dantas da Academia Brasileira de Letras, a qual ele mesmo criou. Os livros ainda não estavam catalogados e nem dispostos ao acesso público. Havia muito por explorar, o que só aguçava a expectativa por encontrar os “tesouros africanos” que haveria de conter.

Figura 2: Biblioteca de Alberto da Costa e Silva na Academia Brasileira de Letras



Fonte: Foto de Claudio Pinheiro

Na Academia, profissionais generosos me receberam fora do horário de atendimento público e autorizaram acesso direto à área restrita da reserva técnica, onde a coleção Alberto da Costa e Silva atualmente habita. Foi um enorme privilégio, sobretudo porque os bibliotecários precisaram acompanhar-me a cada uma das diversas visitas que fiz aos livros, atendendo a protocolos de segurança da Academia. Na verdade, suspeito que aproveitassem para bisbilhotar os tesouros do embaixador, compartilhando o fascínio da descoberta. Ali, 24 prateleiras repletas de livros se somam a 21 caixas ainda fechadas de periódicos científicos estrangeiros

e brasileiros, além de teses, dissertações e artigos. Acrescente-se, finalmente, uma modesta coleção de “obras raras” com menos de cinquenta volumes em francês, inglês e português, impressos entre os séculos XVIII e XX. Enquanto aguarda catalogação, uma estimativa preliminar supõe que a biblioteca de Alberto da Costa e Silva na ABL tenha, no seu conjunto, cerca de seis mil volumes. Nada desprezível, nem exorbitante.

Essa coleção cobre um período histórico amplo, inclui temas variados, relativos a regiões geográficas e áreas de especialização muito diversas. É uma biblioteca cosmopolita e razoavelmente jovem: a maioria dos volumes foi publicada dos anos 1960-1970 em diante e, majoritariamente, em línguas estrangeiras. Mesmo em língua portuguesa, as publicações angolanas, moçambicanas, guineenses e portuguesas praticamente equivalem em número às brasileiras.

Os títulos incluem desde a antiguidade clássica até temas da contemporaneidade, ordenados por diversos campos de conhecimento, de história, antropologia, política e economia, até filosofia, literatura ficcional, música e arte. Alberto da Costa e Silva tinha apreço por obras de referência, o que abrange dicionários históricos e lexicais (do italiano e francês, ao iorubá, passando pelo igbo, mandinga e línguas crioulas africanas e caribenhas, entre outras), vários compêndios de fontes históricas, além de algumas coleções (como a *História Geral da África* da UNESCO, em inglês, francês e português). Os focos temáticos não são menos diversos: clássicos de teoria da história, políticas do desenvolvimento, diplomacia, folclore, vida privada, religião, relações raciais e étnicas, escravidão, diáspora africana, livros de memória e títulos sobre trajetórias de vida – dentro do que as vidas de ex-escravizados ocupam lugar de destaque. Um olhar panorâmico, e ainda incompleto, já anuncia a grande vocação da biblioteca Costa e Silva: a África.

Mais de um terço da biblioteca está relacionada ao continente africano e suas ligações com o mundo, cerca de 1.800 a 2 mil títulos. Metade está em língua portuguesa, o restante tem uma razoável diversidade linguística, com títulos em inglês, francês, italiano, com volumes

editados no Brasil, em Portugal, Europa e EUA, além de livros publicados na própria África. A coleção africana se expande da antiguidade ao presente, e inclui as consequências da diáspora de escravizados, da migração, dos conflitos internos. O continente aparece, ademais, representado em várias regiões, o Magreb, o Sahel, a África Ocidental Atlântica, a África Austral e a Comunidade de Países de Língua Portuguesa, e em alguns países específicos, incluindo o Sudão, Gana, Nigéria, Angola, Etiópia, Madagascar ou a África do Sul. Embora cubra várias geografias africanas, a biblioteca se especializa numa África subsaariana, ocidental, correspondendo ao período Europeu Moderno, e com ênfase na interação com Portugal e as Américas a partir do tráfico de escravizados, concentrando-se no mundo iorubano e naquilo que a história africana interage com a brasileira. Sua biblioteca é um espelho dos estudos africanos no Brasil.

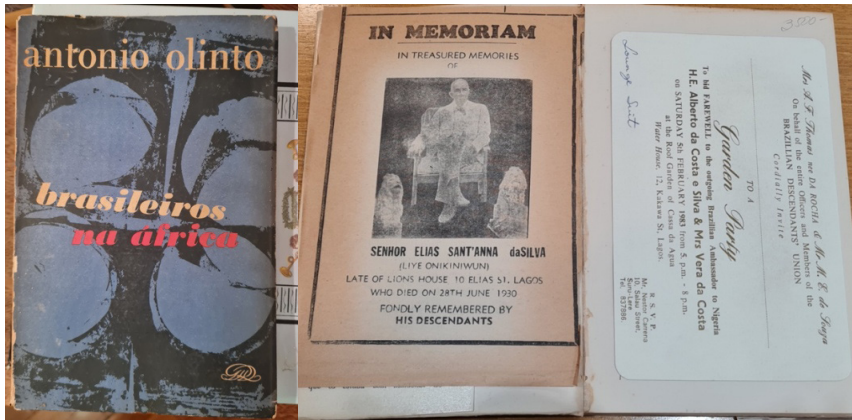
Sem dúvida, a escravidão, o tráfico, e a vida de africanos escravizados nas Américas, em especial no Brasil, concentram uma parte considerável dos títulos. O interesse de Costa e Silva por essa temática chegou ainda na juventude, quando “me convenci de que a escravidão fora o processo mais importante de nossa história e que, como o escravo não nascia no navio negreiro, se impunha conhecer a África, se queríamos entender o Brasil”.⁷ Vem daí também seu interesse pela leitura pormenorizada de aspectos específicos de sociedades africanas, em especial história e antropologia de determinados grupos sociais e étnicos, cuja existência foi afetada ou definida pelo tráfico e o colonialismo, referindo-se a comunidades políticas de escravizados com participação ativa na organização social e política de movimentos sociais desde o Brasil colônia. Há, portanto, títulos sobre os Axum (do império Axum, na atual Etiópia), os Mossi (do Alto Rio Volta, em Burkina Faso), os Ashanti (da atual Gana), os Nuer (do atual Sudão), os Fula (do Império Gabu, e província do Império do Mali, entre outras regiões, no interior da África Ocidental), os Tabom de Gana e outras comunidades de retornados – africanos escla-

7 Alberto V. da Costa e Silva, “A África e eu”, *Estudos Avançados*, v. 16, n. 46 (2002), p. 223.

vizados no Brasil e que depois de libertos retornaram a cidades portuárias da Nigéria, do Togo, do Benin e outros espaços na África Ocidental. Sobre esses e tantos outros grupos encontramos títulos que reaparecem nas próprias publicações de Alberto da Costa e Silva, indicando que essa era uma biblioteca viva, lida e consultada exaustivamente.

Malgrado o afeto pela biblioteca, historiadores se frustrarão ao descobrir que o embaixador não se preocupava muito em registrar a história de seus livros. Poucos volumes estão assinados afirmando que pertenceram a Alberto da Costa e Silva. A maioria não dá pistas sobre quando, como e onde foram adquiridos. Curiosamente, sobreviveram os preços de compra em diferentes moedas, escritos a lápis, esquecidos em algumas folhas de rosto, o que autorizaria uma certa história de sua precificação ou do investimento na construção dessa biblioteca.

Figuras 3 e 4: Capa do Livro “Brasileiros na África de Antonio Olinto”, da Biblioteca de Alberto da Costa e Silva na Academia Brasileira de Letras; Convite da recepção ao Casal Alberto e Vera da Costa e Silva da “Brazilian Descendents Union” (Comunidade de descendentes de Brasileiros) nos Jardins da Casa da Água e aviso funerário dentro do livro de Antonio Olinto, da Biblioteca de Alberto da Costa e Silva na Academia Brasileira de Letras



Fonte: Fotos de Claudio Pinheiro

Uns quantos volumes acompanharam as andanças do embaixador. Fala disso seu exemplar da edição original de *Brasileiros na África*, do também escritor, africanista e imortal Antônio Olinto (adido cultural do Brasil na Nigéria, em princípio dos anos 1960). Custou-lhe CR\$ 3500 cruzeiros (caso tenha sido comprado no lançamento, em 1964), e provavelmente acompanhou Costa e Silva quando ele foi embaixador em Lagos, entre 1979 e 1983. Serviam de marcadores de páginas um convite da Associação de Descendentes de Brasileiros para a festa de despedida do casal Alberto e Vera da Costa e Silva, nos jardins da Casa da Água, em Lagos, em fevereiro de 1983, e curioso recorte do aviso fúnebre do “Senhor Elias Sant’Anna da Silva”, um retornado falecido em Lagos cinquenta anos antes (em junho de 1930). Num livro, ao menos três tempos: anos 1930, na Nigéria colonizada, os anos 1960, no Brasil da utopia à ditadura, e os anos 1980, na Nigéria independente que se tornava uma das locomotivas do desenvolvimentismo africano. A encruzilhada entre esses tempos

acompanha também a história dos interesses e (des)interesses brasileiros pela África.

Apenas os livros que lhe foram oferecidos – por amigos/as e autores/as – trazem informações sobre suas trajetórias, com suas dedicatórias, assinaturas, locais e datas. Em contrário, aqueles supostamente adquiridos pelo embaixador não falam muito a quem os examina. A formação da coleção africana teria começado em 1960, quando o futuro embaixador servia como terceiro secretário na embaixada brasileira em Lisboa, e onde as livrarias locais supriam sua curiosidade pela África. Nesse tempo, o jovem diplomata se encarregou de diversas missões na África, que incluíam escapadas regulares às livrarias locais para adquirir novidades publicadas no continente, que nem sempre chegavam a outras partes do mundo. Ao longo dos anos, livros d’África afluíram de outras cidades onde serviu ou pelas quais passou, ou lhe chegaram de encomendas a amigos que serviam noutras representações diplomáticas, ou ainda de ofertas de autoras e autores. Entrementes, também passou a assinar periódicos, como *The Journal of African History*, a revista *Africa* (do *International African Institute*) e o *Bulletin de l’Institut Français de l’Afrique Noire*.⁸ A regularidade de aquisição e leituras a partir dos anos 1960 fizeram de Alberto da Costa e Silva um dos intelectuais brasileiros mais atualizados quanto ao que se passava e se pensava sobre e no continente africano. Numa certa medida, a biblioteca também foi devedora das demandas e dos privilégios do ofício de diplomata: as viagens, o prestígio e os amigos.

Gerações que sucederam a revolução do acesso à publicação digital não-impressa circulada via internet talvez não percebam, imediatamente, a relevância de escarafunchar as origens dos livros do embaixador. Até os anos 2000, ler e capacitar-se intelectualmente pressupunha o deslocamento físico, de leitoras e leitores ou das próprias publicações. Até então, havia poucas formas de consumir conhecimento que prescindissem o acesso de

8 Costa e Silva, “A África e eu”, p. 226; Lilia Schwarcz e Heloisa Starling, *Três vezes Brasil*, Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 53.

um suporte físico (fossem livros ou cópias impressas, mimeografadas, fotocopiadas etc.). Daí seu ofício de diplomata, que o obrigava deslocar-se de um lugar para o outro, constituir também um privilégio sem o qual Alberto da Costa e Silva teria tido dificuldades de tornar-se estudioso da África. O mesmo pode ser dito de todas e todos aqueles intelectuais brasileiros dessa geração que se converteram em africanistas (ou, como sugiro, “afro-brasilianistas”) graças ao privilégio da mobilidade: Antônio Olinto e Zora Seljan, Júlio Braga, Yeda Pessoa de Castro, Vivaldo da Costa Lima, Luiz da Câmara Cascudo, José Honório Rodrigues, Maria Yedda Linhares, Paulo Fernando de Moraes Farias e outros.⁹

A ausência de informações sobre a trajetória dos livros é devedora de um certo desinteresse de Alberto pelo registro minucioso do tempo presente na própria forma de narrar sua vida, como se vê em *Espelho do príncipe* e *Invenção do desenho*.¹⁰ O que nos salva – pesquisadoras/es e fofoqueiros/as – são as dedicatórias, os autógrafos e umas quantas notas a lápis em alguns dos livros. Esses pequenos textos memorializam parte da trajetória dos livros, incluindo a data quando passaram a integrar a biblioteca do embaixador. Dentro de vários volumes há ainda marcadores, dedicatórias, bilhetes, cartões-postais e papéis de toda sorte, e até uns quantos guardanapos, insinuando que passavam tempos juntos entre leituras, conversas e, eventualmente, refeições. Um bilhete de feliz aniversário do filho Pedro acompanhou a leitura de José Honório Rodrigues; o cardápio de uma recepção na embaixada do Brasil em Lagos, em 1981, serviu de marcador a uma primorosa edição de *Up from Slavery*, de Booker T. Washington. Alguns amigos e interlocutores regalavam seus livros por ocasião do lançamento ou em visitas pessoais, sempre sacramentados por autógrafos e dedicatórias de amizade, como o fizeram Lília Schwarcz, Mariza Soares, João Reis, Flávio Gomes, Paulo Fernando de Moraes Farias, Pierre Verger e Marina de Mello e Souza, a quem se soma boa parte

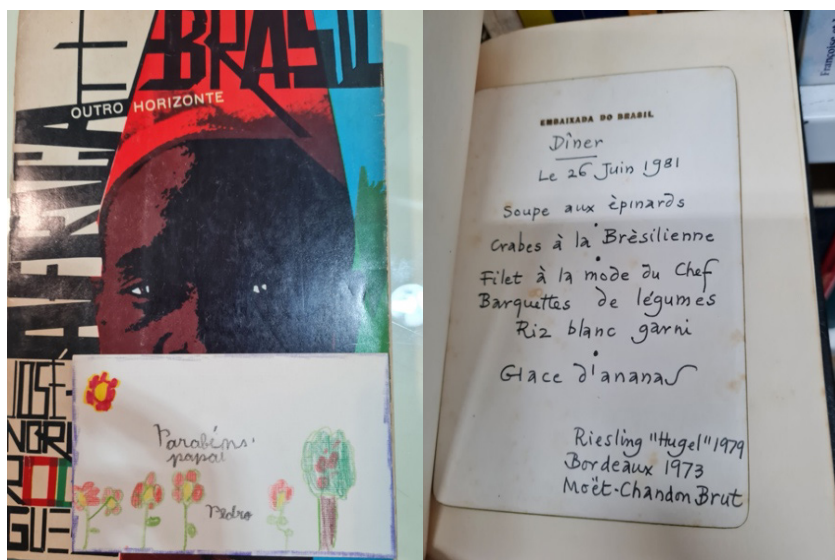
9 Pinheiro, “Formação e circulação”.

10 Alberto V. da Costa e Silva, *Espelho do príncipe*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994; Alberto V. da Costa e Silva, *Invenção do desenho*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

da historiografia brasileira. Certo cavalheiro confidenciou-me, inclusive, que houve historiadores/as se acotovelando e esticando pescoços para saber se seus livros constavam da biblioteca Costa e Silva.

Figuras 5 e 6: Convite de aniversário do filho Pedro usado como marcador de “África e Brasil” de José Honório Rodrigues, da Biblioteca de Alberto da Costa e Silva na Academia Brasileira de Letras.

Convite do Jantar na embaixada do Brasil em Lagos, 1979, usada como marcador do livro *Up from Slavery*, de Booker T. Washington, da Biblioteca de Alberto da Costa e Silva na Academia Brasileira de Letras.



Fontes: Fotos de Claudio Pinheiro

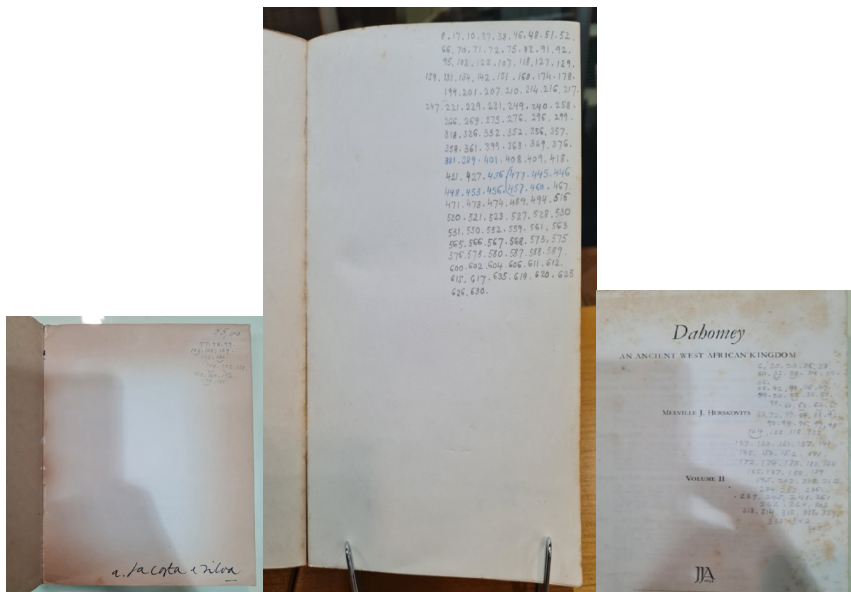
Ao longo de décadas, amigos mais próximos ofertaram livros acrescidos de bilhetes com suas impressões de leitura, como fez o cientista social e imortal José Guilherme Merquior.¹¹ Merquior não se furtava a escrever dedicatórias bem-humoradas, como a que se lê em *Cooking, Cuisine and Class*, do antropólogo britânico Jack Goody – “Alberto,

11 Costa e Silva, “A África e eu”, p. 228.

Bon appétit! – e mais um abraço do seu J. Guilherme. Londres, XII, 86”. Merquior, aliás, diga-se de passagem, sempre carinhoso e provocador com Costa e Silva, presenteou-lhe com vários volumes de Jack Goody – todos com dedicatórias de um diálogo continuado. Curiosamente, o mesmo Goody que pesquisava entre os LoWiili, os LoDagaa do norte de Gana, ao tempo em que lecionava na Universidade de Gana nos anos 1960, e que pode muito bem ter cruzado com o terceiro secretário Costa e Silva ou com o embaixador Raymundo de Souza Dantas na famosa Biblioteca Balme, daquela Universidade, ou nalguma livraria de Accra.

Mais além de protocolos de uma cultura letrada, as dedicatórias descrevem Alberto da Costa e Silva como uma figura acessível e humana, e uma bússola intelectual para os estudos africanos no Brasil e no mundo. Seu apodo, “O Embaixador”, tornou-se referência de generosidade, afeto e ética para convivas de todo tipo. Seus interlocutores e suas interlocutoras declaram amizade, fraternidade, gratidão, admiração e reconhecimento “ao mestre”, “de seu discípulo”. Sua biblioteca assiste a comunhão do amor pelo texto e pelas pessoas, que convertem seus livros de objetos inanimados em entes viventes, seres ontológicos, nos quais as tantas mensagens pessoais configuram dispositivos de afeto usados como marcadores de páginas, e onde amigos, filhos e netos, conhecidos e desconhecidos, convivem lado a lado. Seus livros tornaram-se, também eles, egunguns.

Figuras 7, 8 e 9: Detalhes de anotações de algarismos indo-arábicos na primeira página de alguns livros da Biblioteca de Alberto da Costa e Silva na Academia Brasileira de Letras



Fontes: Fotos de Claudio Pinheiro

Para além das redes intelectuais e políticas pelas quais o embaixador circulava, sua biblioteca também ensina sobre suas práticas de leitura e estudo. Seus livros acumulam uma discreta marginalia de pequenas notas nas laterais de páginas e em muitas folhas de rosto, escritas de forma hermética. Aqui e ali, surgem listas de algarismos indo-arábicos em ordem crescente que mais parecem registros de uma numerologia antiga dos Dogon, mas que indicam páginas nas quais passagens específicas capturavam sua atenção e/ou mereceriam citações. Enquanto a coleção de papéis privados do embaixador permanecer inexplorada, não podemos antecipar se haverá, entre as dezesseis caixas repletas de documentos, fotografias, correspondências etc., cadernos de nota de leitura e de campo, rascunhos de livros e artigos. Norbert Elias trabalhava assim, com blocos

de notas que acompanhavam suas leituras e suas viagens – com a diferença de que os livros da biblioteca privada do sociólogo alemão estão repletos de rabiscos, anotações, dobraduras, recortes de jornais etc.¹²

A longa formação dessa biblioteca assistiu a progressiva conversão de Alberto da Costa e Silva de diplomata, poeta e ensaísta, em historiador, “antropólogo frustrado” e africanista. Além disso, também oferece uma janela para o processo de expansão e diversificação da indústria editorial brasileira e dos sistemas de pós-graduação no Brasil, nos anos 1980-90, diante da consolidação dos estudos sobre escravidão, relações raciais e, em menor grau, sobre África. Pesquisas e publicações a respeito do continente africano passaram a interessar o mercado editorial brasileiro, timidamente até os anos 1970, furtivamente nos anos 1980,¹³ foram ganhando consistência a partir dos anos 1990, até explodirem em variedade e amplitude no século XXI. Nesse processo, *A enxada e a lança* (1992), *A manilha e o libambo* (2002) e outros livros publicados pelo embaixador cumpriram um papel fundamental, representando um marco no campo africanista.

Um imortal à africana e um intelectual de atitude do Sul Global

Alguns grandes intelectuais legaram vastas bibliotecas ao mundo. A coleção de Alberto da Costa e Silva não impressiona por seus números, e nem tanto por sua composição. Poderia ser a sua biblioteca, cara leitora, caro leitor; ou de muitos acadêmicos e acadêmicas. Nem é apenas uma questão da quantidade de livros amealhados, mas de reputação. Os mais jovens devem compreender que antes da chegada dos textos e livros digitais, para ser reconhecido, um intelectual precisava ter uma biblioteca robusta, que falasse pela pessoa. Considerando o diplomata longo, intelectual

12 Pinheiro, “Formação e circulação”.

13 Carlos Fico e Ronald Polito, *A História no Brasil (1980-1989): elementos para uma avaliação historiográfica*, Ouro Preto: UFOP, 1992.

viajado, reconhecido nacional e internacionalmente, alguém anteciparia uma biblioteca gigantesca, abarrotada de edições raras, encadernações de pelica, uns quantos mapas e gravuras. Nada disso. A relação desse intelectual com seus livros, com a produção de conhecimento e, sobretudo, com a África, foi diferente. Tomando o homem por sua biblioteca, alguém reconhece em Alberto da Costa e Silva um estudioso e não um bibliófilo, nem um colecionador. Seus livros são modestos – e testemunham que foram lidos! Essa é uma biblioteca honesta, de um pesquisador para quem a África não era assunto exótico e exposto ao voyerismo ou ao colecionismo, mas parte efetiva de sua existência intelectual e o grande “vício” que o acompanhou desde a juventude e as primeiras escolhas profissionais na carreira diplomática.¹⁴ Essa biblioteca ajuda a contar, primordialmente, o protagonismo de um homem frente à sua trajetória, no que respeita sua autoconstrução intelectual, eleição de amizades e afetos, e, principalmente, uma declaração ética sobre qual lado da história Alberto da Costa e Silva escolheu.

Com frequência, ele usava a expressão “à africana” para falar daquilo que identificava como um modo peculiarmente africano de realizar: da forma de deitar-se à esteira, de realizar festas, de construir edificações e de habitá-las, de enriquecer etc. Mas sua ideia de fazer coisas *à maneira africana* também se referia a realizar com abundância, efusão e alegria. Fossem esses traços culturais ou formas de existir genuinamente africanas, podemos discutir. Indiscutível é que seu *à africana* era sinônimo de *à albertiana*, ensejando o gosto pelo ritual e pelo espontâneo, o compromisso com a generosidade de dedicar tempo e atenção a todas e todos, de agir sem comiserações de estilo, sem misérias de delicadezas, com júbilo e regozijo em sua forma de interagir no cenário acadêmico, literário, político e na sociedade.

Havia, entretanto, uma dimensão maior na forma como Alberto empregava *à africana* enunciando um compromisso declarado em se

14 Alberto V. da Costa e Silva, *Vício da África e outros vícios*, Lisboa: Sá da Costa, 1989.

des-europeizar.¹⁵ Em que pese que a África que lhe chega ainda nos tempos de estudante tenha sido despertada pela leitura de Gilberto Freyre, Alberto da Costa e Silva não subscreveu àquela narrativa edulcorada que sugere que a escravização de africanos havia sido diferente no Brasil. Em Freyre e em outros, o argumento da singularidade brasileira – apresentada como tolerância, sincretismo e amálgama na formação da nação – passou pano para o racismo, absorvido na celebração de uma cultura da mestiçagem, essa sim tomada como a grande contribuição brasileira à humanidade. Em seus escritos, Alberto da Costa e Silva condicionou sua imaginação e criatividade intelectuais a pensar a África a partir da África, inclusive dialogando com intelectuais africanos. Não à toa, seu nome foi imediatamente lembrado por historiadores senegaleses do IFAN durante minha visita ao instituto em outubro de 2000. Seu compromisso historiográfico se transformou em uma agenda de escrita, e parte de um protocolo ético visível na forma como escreveu sobre a África e os africanos.

As mensagens nas folhas de rosto de tantos livros de sua biblioteca e os registros de sua vida pública testemunham como Alberto da Costa e Silva fez-se um intelectual que, tendo crescido em um mundo de privilégios de classe, raça e de ofício, questionou-se sobre discriminações classistas, de casta profissional, e sobre o racismo. Dedicou tempo a reconhecer seus erros e curar-se de sua própria arrogância, de “quem negava seriedade ou sinceridade a quem pensava diferente.”¹⁶ Denunciou o racismo global e à brasileira¹⁷ e construiu diálogo franco com intelectuais negros no Brasil e no exterior – que foram de Haroldo Costa, Nei Lopes e Muryatan Barbosa, no Brasil, a Renato Matusse, em Moçambique, Boubacar Barry, no Senegal, Elisée Soumonni, no Benim, e Kofi

15 Jheniffer Ribeiro e Lais Marçal, “Com Alberto da Costa e Silva”, *Revista Outrora*, v. 1, n. 2 (2018), pp. 18-23.

16 Costa e Silva, “A África e eu”, p. 226.

17 Alberto da Costa e Silva, “O Brasil, a África e o Atlântico no século XIX”, *Estudos Avançados*, v. 8, n. 21 (1994), p. 32,  Alberto da Costa e Silva, *Um rio chamado Atlântico*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, pp. 73; 222. Ynaê Lopes dos Santos, “Um Silva do Brasil e das Áfricas: Alberto da Costa e Silva”, *Deutsche Welle*, 27 nov. 2023, .

Awoonor, em Gana, para citar uns poucos. Alguns tornaram-se amigos próximos. Grande destaque para a fraternidade que aproximava Alberto da Costa e Silva e Clóvis Moura, consagrada numa afetuosa troca de correspondência e de livros anotados com declarações constantes de admiração mútua. Aproximava-os a história, a África, as relações raciais, a poesia e, certamente, o Piauí. Clóvis Moura era filho de Amarante, tanto quanto Antônio Francisco da Costa e Silva, pai do embaixador.

Ynaê Lopes comunicou a morte de Alberto da Costa e Silva em um belo texto de 27 de novembro de 2023. Ali, a historiadora recuperou seu legado e resumiu assim seu compromisso: “um homem que pensava e escrevia uma história antirracista, muito antes desse termo entrar em voga, fazendo um bom uso do seu lugar no mundo”.¹⁸ Em tempos em que as ciências sociais internacionais reveem histórias e protocolos de consolidação de seus cânones disciplinares, observar a trajetória e a vida de Alberto da Costa e Silva pode ser relevante. Não tanto por sua evidente relevância no campo dos estudos africanos no Brasil e no mundo, mas por ajudar a identificar um intelectual cujas escolhas falam de um compromisso ético-profissional com aqueles e com aquilo que estudou, e com aquelas e aqueles que cruzaram sua viagem. Alberto da Costa e Silva converteu-se em um intelectual *à africana*, não apenas de palavras, mas de princípios e ações, um *scholar* de atitude do Sul Global.¹⁹

doi: 10.9771/aa.v0i70.65876

18 Santos, “Um Silva do Brasil”.

19 Vinicius Ferreira e Claudio Pinheiro, “Anthropology with a Southern Attitude: an Interview of Cláudio Costa Pinheiro by Vinicius Kauê Ferreira”, *American Anthropologist*, v. 122, n. 3 (2020), pp. 678-683, .